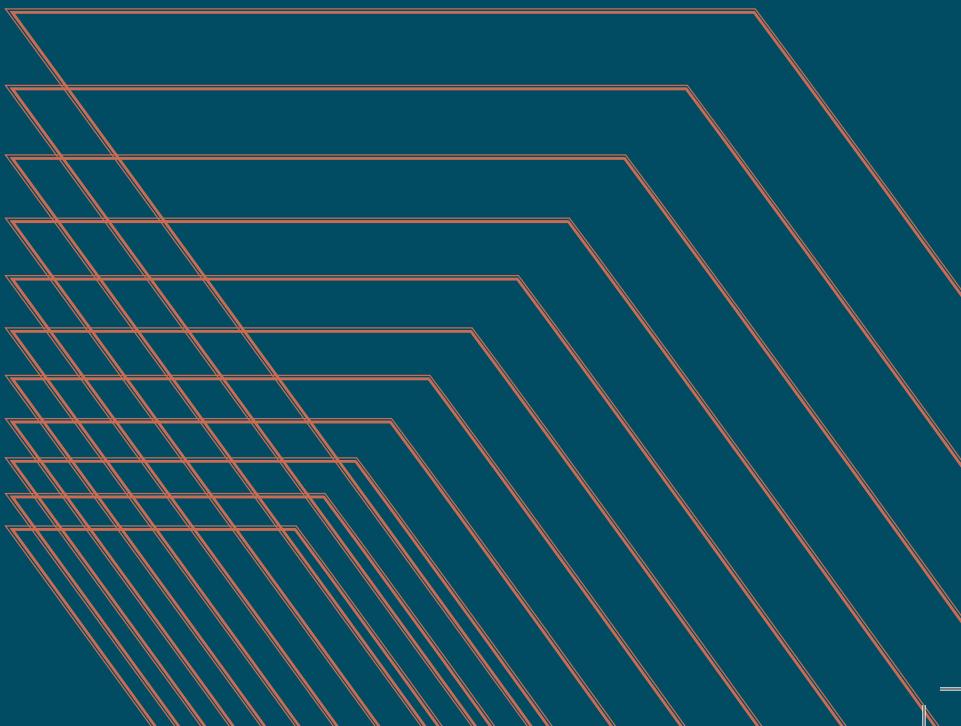


A história e as histórias de

PAULO

ROCCO



A história e as histórias de
PAULO
ROCCO



Rio de Janeiro
2025

©2025 SNEL

Coordenação editorial: Ronaldo Pelli
Produção editorial: Raiane Silva
Revisão de textos: Ronaldo Pelli
Projeto gráfico e diagramação: Cibele Bustamante

SNEL

Presidente: Dante Cid
Gerente executiva: Lis Castelhano

FAZER EXPE-
DIENTE

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

H58

A história e as histórias de Paulo Rocco / organização Sindicato Nacional dos Editores de Livros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : SNEL, 2025.

48 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-980825-4-3

1. Rocco, Paulo, 1945-. 2. Editores e edição - Brasil - Biografia. I. Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

CDD: 070.51092

25-102104.1

CDU: 929:655.4



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439
01/12/2025 01/12/2025



SUMÁRIO



PREFÁCIO.....	8
DEPOIMENTOS.....	12
ENTREVISTA.....	18
GALERIA.....	40

PREFÁCIO

por João Paulo Rocco



Desde muito pequeno, eu me refugiava no desenho. Ainda consigo sentir a mesma vibração que sentia quando meu pai chegava em casa trazendo, com um certo orgulho, os desenhos feitos pela designer da Rocco. Para mim, aquilo era como receber uma janela secreta para um mundo onde ideias viravam forma. Talvez tenha sido ali, naquele encantamento simples e profundo, que a arte se instalou em mim para sempre e me levou a, anos depois, estudar Desenho Industrial.

Eu não imaginava que esse caminho, traçado quase sem querer, acabaria me levando a criar capas para a Rocco - e que isso aconteceria sem que o Paulo soubesse. Quando ele viu meu nome na lista de colaboradores, me chamou para confirmar se era verdade. Ele estranhou, claro, mas foi então que fez a pergunta que mudou tudo: "João Paulo, se você quer trabalhar na editora, vamos fazer do jeito certo. Você quer?"

Até aquele dia, eu nunca tinha me permitido imaginar a possibilidade de seguir os passos de um dos editores mais respeitados do país. Parecia grande demais, distante demais. Eu disse sim, e foi como atravessar uma porta que só se abre uma vez na vida.

A partir dali, meu pai me convidou a entrar no universo que ele construiu com tanto carinho e cuidado. Me mostrou cada processo, cada etapa, cada desafio. Eu passei a estar ao seu lado em tudo, aprendendo com alguém que, para mim, sempre foi muito mais do que um mestre, foi um norte.

Já se passaram mais de dez anos desde então. E eu continuo aprendendo, muito, todos os dias.

Este ano celebramos os 80 anos do Paulo Rocco, o presidente mais longevo da história do SNEL, e os 50 anos da Rocco. É um marco duplo, são mais do que datas. É a confirmação de uma vida dedicada aos livros e às pessoas que os fazem existir.

Quem convive com o Paulo sabe que suas histórias não vêm apenas da memória: vêm do coração. Quando ele começa a contar alguma, é como se estivesse compartilhando um pedaço do caminho que percorreu. Fala de um tempo em que o mercado editorial tinha outro ritmo, outras urgências, outros personagens. Fala de autores como quem fala de amigos antigos; de negociações como quem descreve aventuras; de encontros que mudaram destinos. Muitas dessas figuras eu só conhecia pelas páginas que escreveram, mas, através dele, elas ganham voz, rosto e vida.

E, no fundo, cada história revela um pouco de quem ele é. Juntas, formam um retrato afetivo de uma era... e dariam um belo livro!

Que essa história — a dele, a nossa — ainda esteja só começando. E que venham muitos anos, muitos capítulos e muitos motivos para comemorar.

Te amo, pai.
João Paulo Rocco



DEPOIMENTOS

sobre Paulo Rocco



Marcos da Veiga Pereira
ex-presidente e atual vice-Presidente do SNEL
GMT Editores Ltda

Conheci Paulo Rocco quando ele ainda trabalhava na Editora José Olympio, e decidiu fundar sua própria empresa. Na época ele era o editor de Chico Anysio, que produziu uma série de livros de grande sucesso, talvez os primeiros da nova casa. Uma das características mais marcantes de Paulo foi ser amigo de seus concorrentes, principalmente os cariocas Alfredo e Sergio Machado e Sergio Lacerda. Nos anos 1980 eles eram os principais editores do Brasil, Record e Nova Fronteira, mas logo a Rocco passou a fazer parte deste grupo, publicando sucessos internacionais como Stephen Hawking e Thomas Wolfe.

A quantidade de autores publicados por Paulo é muito impressionante, é só ver o seu catálogo para ter a dimensão de sua importância para a indústria editorial brasileira. Mas a sua contribuição para o livro no Brasil é ainda maior, por sua atuação como líder na presidência do SNEL, cargo que ocupou por 9 anos. Durante a sua gestão os editores tiveram uma grande conquista, a isenção do PIS e da COFINS, e a consolidação da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro como o maior evento literário do País.

O melhor de tudo é ir às feiras internacionais, principalmente Londres e Frankfurt, e ver Paulo elegantíssimo, sempre de terno e gravata (prática comum no seu tempo, nem tanto hoje em dia), acompanhado de seu filho João Paulo, e garimpando as listas dos agentes e editores em busca de novos bestsellers.”

Apenas no final da década de 1980, depois de conviver com Paulo na diretoria do SNEL, é que “Rocco” deixou de ser o nome de uma editora para se transformar no sobrenome de um amigo.

Trabalhar com Paulo nos seus 3 mandatos à frente SNEL foi uma experiência riquíssima. Construímos MUITA coisa juntos então: a atual sede do sindicato, a sua informatização e a criação do site, que se transformou no portal de serviços ao associado. E claro, teve o trabalho com a Bienal!

E ainda testemunhei o trabalho pessoal como a mudança significativa na relação com a Câmara Brasileira do Livro, na representação dos editores junto aos 3 níveis do Governo brasileiro, e, a isenção de impostos que gravavam a circulação do livro no Brasil.

Acredito que a grande intuição e sensibilidade são as marcas do sucesso de Paulo e de sua casa editorial.

Eduardo Salomão

Ex-diretor do SNEL

Imago Editora Importação e Exportação Ltda.

Paulo Rocco é um editor raro — daqueles que unem sensibilidade literária e visão de futuro. À frente da Rocco, fez caber sob o mesmo selo a profundidade de Clarice Lispector, o encantamento de Harry Potter e o sucesso de Paulo Coelho e Thalita Rebouças, revelando um olhar único para o que move leitores de todas as idades. No SNEL, liderou com serenidade e coragem, garantindo conquistas estruturais para o setor e construindo pontes entre grandes e pequenas editoras. Foi ele quem me convidou para a diretoria e para a comissão da Bienal do Livro, gesto que guardo como símbolo de sua generosidade e de sua fé no poder dos livros.

Martha Ribas

Ex-diretora do SNEL

Livraria Janela e editora Mapa.Lab

Paulo Rocco faz parte de uma geração de editores que moldou o mercado editorial brasileiro atual, vivenciando todas as transformações e desafios que ocorreram na nossa indústria nos últimos 50 anos.

Como presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), Paulo desempenhou um papel fundamental na defesa do setor editorial brasileiro. Sua gestão foi pautada pelo diálogo e pela busca de políticas públicas que fortaleceram o livro e a leitura no país.

Promoveu ações de aproximação entre editores, livreiros, autores e leitores, cabendo destacar aqui a consolidação da Bienal do Livro do Rio de Janeiro como evento de acesso à cultura para um público extremamente variado.

Sob sua presidência, o SNEL viveu um período de renovação e representatividade, fortalecendo sua presença no debate nacional sobre o futuro do livro. Tive muito orgulho de ter feito parte de sua diretoria durante seus 3 mandatos.

Celebrar os 80 anos de Paulo Rocco é celebrar um editor visãoário, um líder comprometido e um defensor incansável do livro como instrumento de transformação.

Desde sua fundação, em 1975, a Editora Rocco se consolidou como referência pela curadoria criteriosa, pela aposta em novos talentos e pela publicação de grandes nomes da literatura nacional e internacional. Obras que marcaram gerações — de J.K. Rowling a Clarice Lispector — encontraram na Rocco uma casa que alia excelência editorial e visão de futuro.

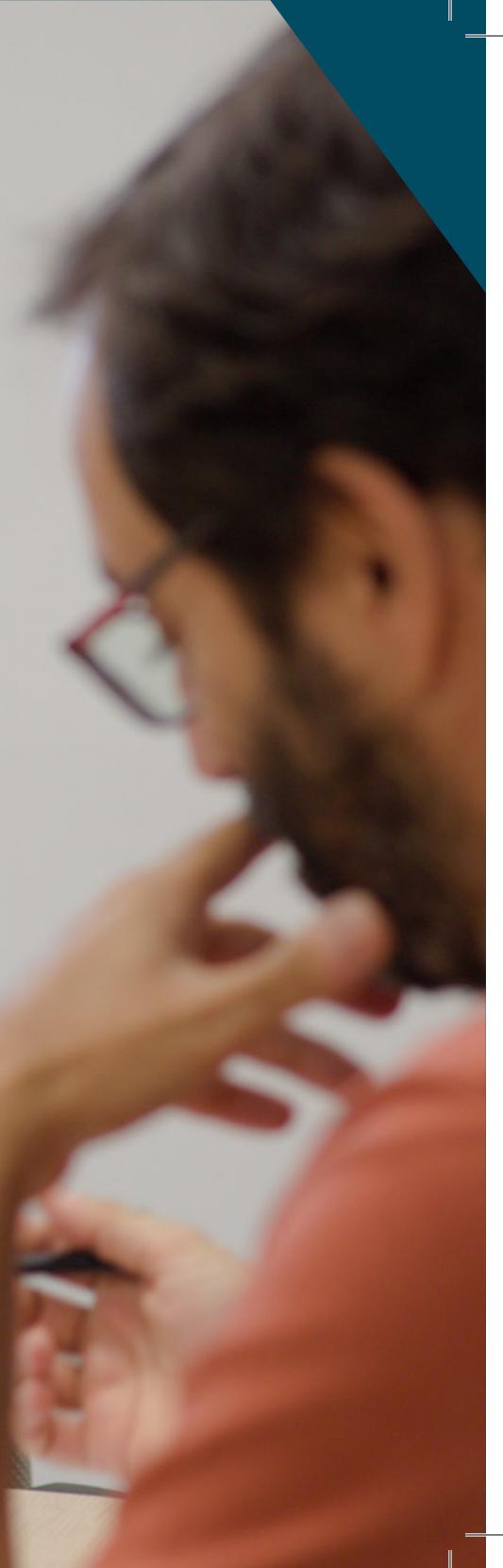
Celebrar os 50 anos da Editora Rocco é celebrar meio século de histórias que nos ensinaram a imaginar, questionar e sentir.

Sônia Jardim

Ex-presidente do SNEL
Editora Record

ENTREVISTA

com Paulo Rocco



Rocco e suas histórias

Os números são superlativos: 80 anos de idade, 50 anos de editora, o maior tempo na presidência do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, três triênios. Mas a carreira de Paulo Rocco no mundo das letras começou antes, ainda, na icônica editora Sabiá, tocada por dois gigantes da escrita, Rubem Braga e Fernando Sabino. Em menos de uma década, ele fundaria a editora que leva o seu sobrenome. Nesse período todo, Rocco acumulou histórias. Além dos milhares de livros lançados, ele também tem inúmeras anedotas que não se cansa de repetir. Por que o economista escolheu o mundo dos livros. Como assumiu no cargo de gerente junto à editora dos figurões das letras sem qualquer experiência prévia. Como foi contratar um quase desconhecido Paulo Coelho. Como enxergou na taciturna Clarice Lispector um fenômeno pop. A compra dos direitos dos livros da saga Harry Potter. O motivo pelo qual assumiu a presidência do SNEL, e todas as suas inúmeras realizações em nove anos de mandatos. Costumam dizer que sua vida mereceria um livro – editora, ao menos, não faltaria. Mas ele se nega a escrever: diz que suas histórias devem ser compiladas nas diversas entrevistas dadas ao longo da vida. Com a simpatia costumeira, Paulo Rocco recebeu o SNEL para falar um pouco sobre a sua vida e a sua obra – para contar suas histórias e mostrar a importância desse ícone quando o tema é livros e literatura.

SNEL: Por que começar no mundo dos livros? Você é economista, o livro não é um caminho óbvio.

Paulo Rocco: Primeiro, eu gostava de livros e eu gostava de ler. Já contei essa história, mas vou repetir. Eu lia muito. Um dos lugares que eu mais frequentava para ler era a biblioteca do IBEU, o Instituto Brasil Estados Unidos, na Avenida Copacabana. Eu estudava lá e lá tinha uma biblioteca. Então, às tardes, ou eu ficava lendo lá ou pegava livro para ler em casa e depois devolvia. Defendo muito a biblioteca, acho que a biblioteca é a coisa mais [importante]... Há uma socialização das pessoas, e é uma forma de que as pessoas possam progredir na vida. Há até uma história interessante sobre bibliotecas... Uma vez, eu falei da biblioteca que eu frequentava e então recebi uma carta de uma pessoa que disse assim: "Olha, na época sobre a qual você está falando, eu deveria ser a bibliotecária do IBEU. Eu fico muito homenageada por você falar tanto assim". Foi uma coisa muito interessante. Bom [voltando à questão], primeiro tem que gostar de ler. Então, eu gostava de ler. E aí surgiu uma oportunidade. [Os escritores] Fernando Sabino e Rubem Braga iam fazer uma editora...

SNEL: Essa era a minha segunda pergunta especificamente. Mas por que exatamente a Sabiá?

Paulo Rocco: Eu fiquei sabendo que eles tinham saído da Editora do Autor para fazer a Editora Sabiá e que eles estavam procurando um gerente. Eu tinha um amigo que os conhecia e pedi para marcar uma entrevista. Aí eu fui à famosa entrevista. Eu cheguei lá e eles perguntaram para mim qual era a experiência no mundo editorial. Eu falei que nenhuma. Qual era a experiência na área editorial? Também não. "Mas, pô, Paulo..." Eu comecei a falar que eu gostava de ler. "E eu gosto de vocês". E o Rubem Braga falou assim, "Paulo, o leitor nós já temos, agora a gente quer um

gerente". Acabaram me escolhendo. Aí comecei sem saber nada, mas adorei. Trabalhei muito, fiquei lá cinco anos. Foi meu início. Depois, mais tarde, trabalhei também na Editora José Olympio, dois anos. Eu brinco que, quando assinei o contrato social da editora [Rocco] ainda tinha 29 anos, eu não comecei com 30, comecei com 29. Antes do meu aniversário.

SNEL: Você falou da José Olímpio. Eu vi também a Francisco Alves. **Paulo Rocco:** Mas a Francisco Alves foi meio paralela. Eu fiz um trabalho meio paralelo. Eu tinha disponibilidade de tempo na Rocco. Me encontraram na rua e pediram "pelo amor de Deus" para eu ajudar o começo lá dos novos nomes da Francisco Alves. Eu fui lá e fiquei um tempo. Mas foi uma passagem.



SNEL: Pelo meu cronograma aqui, seria já o início da Rocco. Mas eu vou voltar um pouquinho. Houve alguma outra editora, além da José Olympio, Francisco Alves?

Paulo Rocco: Eu ajudei a parte comercial da editora do jornal Pasquim. Eu ajudei a criação da parte comercial da editora.

SNEL: Claro que todo mundo que gosta de livro e que está dentro do mundo do livro sonha em ter uma editora. Mas dar esse passo não é todo mundo que consegue. Como é que foi isso?

Paulo Rocco: Aconteceu também uma coisa importante. Um ano antes [de fundar a Rocco], eu batalhei por uma bolsa de estudos na Espanha. Foi uma bolsa de estudos tão importante que nunca mais fizeram, de tão difícil. Era um representante do Brasil, um da Venezuela, um do Chile, outro do México. Nós éramos uns doze, mais ou menos, por aí. Tinha que ser um jovem editor no encargo de importância, que tivesse entre 25 anos e 30.

SNEL: Era uma combinação de fatores...

Paulo Rocco: Eu me encaixei. E eu fui escolhido para essa bolsa. Essa bolsa foi importantíssima na minha vida. Porque, na parte da manhã, as palestras eram dadas pelos donos das maiores editoras, ou pelos dirigentes superiores das maiores editoras da Espanha. Então, na parte da manhã, era palestra, palestra, palestra. Foram dois meses e meio, quase três meses. Todo dia tinha palestra, palestra, palestra. Na parte da tarde, eram palestras setoriais. O gerente de produção, o gerente comercial, o gerente de logística, mas variava de empresas e tal, vinha um, vinha outro. Foi uma imersão que tive muito importante para mim. Aprendi muito naquela época. A Espanha sempre foi, no setor editorial, um país muito relevante. Foi um passo decisivo.

“

Eu tenho um conhecimento bem amplo de todas as áreas da editora.

Posso entender de logística, de depósito, de como vender, de fazer a promoção, do marketing. Porque passei por todas essas áreas.

”

“
Quando resolvi fazer a editora, o primeiro cartão, a primeira mensagem que recebi por escrito, desejando sucesso para mim e para a editora, foi do Carlos Drummond de Andrade

SNEL: Uma espécie de MBA.

Paulo Rocco: Achei que preenchia as condições empresariais para poder fazer a editora. Também pensei muito e achei que para começar uma editora tinha que ter dois sucessos. Eu entendendo, eu aplaudo muitos novos editores que têm aí todo dia, que são heróis, porque dar o primeiro passo, fazer o primeiro livro, aí é um sonho. Mas a realidade vem logo depois, que é você dar continuidade. É o grande problema das empresas. Por isso que eu tenho visto muito aparecerem editoras, sumirem editoras, aparecerem livrarias, sumirem livrarias, porque você tem que partir do sonho para a realidade. Então, resolvi e tinha duas pessoas muito amigas, que era o Chico Anísio e a Marisa Raja Gabaglia. Para a saída da José Olympio, eu deixei bem claro que não ia levar nenhum autor, apenas dois, que era um relacionamento muito pessoal, muito meus amigos, que era o Chico Anísio e a Marisa Raja Gabaglia. As pessoas hoje não se lembram muito da Marisa, mas ela foi uma grande jornalista, apresentadora de televisão, foi uma pessoa muito importante naquela época. E Chico Anísio não precisa nem dizer. Foi um sucesso retumbante, quando comecei. E depois da sequência. Primeiro comecei publicando muito autores brasileiros. E depois que parti para autores estrangeiros. Então, foi uma caminhada. Parti do zero. A equipe era mínima. Então, no começo, eu fazia de tudo.

SNEL: Euquipe, que as pessoas dizem.

Paulo Rocco: Eu fazia de tudo. Até escrever orelha eu fiz. Eu fiz tudo, tudo na editora. Mas eu tinha um embasamento. Eu tenho um conhecimento da editora não específico para um setor. Não é só selecionar título, não é só saber comercializar, não é só saber como fazer o livro na parte de produção. Eu tenho um conhecimento bem amplo de todas as áreas da editora. Posso entender

de logística, de depósito, de como vender, de fazer a promoção, do marketing. Porque passei por todas essas áreas. Além disso, uma coisa muito importante, é a minha formação humanística. Eu tive uma formação humanística privilegiada porque eu conheci, a partir do Fernando Sabino e do Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Sergio Porto, Clarice Lispector, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade. Aliás, quando resolvi fazer a editora, o primeiro cartão, a primeira mensagem que recebi por escrito, desejando sucesso para mim e para a editora, foi do Carlos Drummond de Andrade. Eu tenho esse cartão até hoje. Foi a minha formação humanística que me levou, por exemplo, a acreditar que Clarice Lispector não era uma escritora hermética, nada disso. Acreditei nela. Foi uma batalha com a gente literária da época, que era a Carmen Balcells. A Carmen achava era mais para uma coisa de estudos universitários, de venda para o governo. Nada disso! “Ela é uma autora popular. Vai levar algum tempo, mas eu vou conseguir isso”.

SNEL: Hoje em dia ela está sempre no top 10 de mais vendidas.

Paulo Rocco: Isso foi uma aposta.

SNEL: Não é nada óbvio mesmo. A gente pega os livros da Clarice...

Paulo Rocco: Mas, o que eu falei? A minha formação humanística foi ótima, porque eu conheci... Se eu for elencar aqui, eu vou ficar meia hora. Só de nomes. Eu venho de uma formação da ligação direta com os autores, de quem sempre respeitei muito.

SNEL: Essa era, inclusive, a minha próxima pergunta. É um catálogo que vai da Clarice, que nessa altura era vista como, digamos, indecifrável ou muito hermética...

Paulo Rocco: Era, não é mais.

SNEL: Mas, por outro lado, tem livros considerados populares, como *Harry Potter*. Tem uma gama.

Paulo Rocco: Harry Potter é popular, mas é popular no mundo inteiro. Isso foi um bom acidente na minha vida. Mas, eu tenho outros acidentes. Eu tenho o Paulo Coelho. Eu digo que o leilão mais disputado, que até hoje eu me lembro, é de *A fogueira das vaidades*, do Tom Wolfe. Não teve editor no Brasil que não quis. E eu consegui vencer o leilão. Então, eu acho que tem muitas... Eu tenho muitas histórias. [As pessoas pedem]: “Ah, Paulo, escreve um livro!”. Não vou escrever livro nenhum. As pessoas vão lendo o que eu falo e vão sabendo exatamente o que eu penso.

SNEL: Mas, então, conta uma história dessas. Uma dessas coisas que você diz que merece um livro.

Paulo Rocco: Eu tenho muitas histórias. Eu tenho uma história curiosa, que foi do [livro] *Uma breve história do tempo*, do Stephen Hawking. Ele foi lá dar uma palestra na Feira de Frankfurt. Por acaso, não pude assistir a essa palestra do Stephen Hawking. Mas eu fiquei... “Poxa, eu tenho que saber alguma coisa desse Stephen Hawking”. E aí, eu fui até o agente literário, que detinha os direitos do livro, e falei que estava interessado, mas não pude assistir à palestra. Ele falou que tinha aqui um manuscrito não publicado ainda, uma parte do livro, “e eu posso lhe emprestar. Você vem aqui no fim do dia, eu lhe empresto, mas você tem que me devolver no dia seguinte, de manhã”. Eu falei: “fique tranquilo, pode confiar”. Fiz exatamente isso. No fim do dia, passei lá. Mas, de noite, tinha

jantares, festas. Peguei o original do Stephen Hawking, de madrugada. Poxa, é uma leitura muito difícil e pesada. No dia seguinte, fui lá de manhã para o agente literário e falei, gostei muito, quero comprar. E comprei os direitos.

SNEL: Deu certo, não é?

Paulo Rocco: Na época em que lancei *A fogueira das vaidades*, eu era o primeiro lugar da ficção e o primeiro lugar de não-ficção [com *Uma breve história do tempo*]. Estou falando para desmistificar um pouco a aura do editor. O editor tem lógica, tem um gosto literário. Todos os livros comprados aqui na editora, todos, eu dei a palavra final. Todos. Não quer dizer que eu entenda de tudo. Não é possível. Não, eu vejo as linhas que a editora tem. Eu crio linhas: tem a linha Infanto e Juvenil, agora tem uma linha de livros de espiritualidade, tem livros de autoajuda, tem isso aqui. A editora é muito ampla, tem muita coisa. Mas eu faço questão de dar a palavra final. Quer dizer, lógico que eu tenho leitores, gerente editorial, tem um monte de gente trabalhando aqui na editora. Mas estou contando essa história porque, às vezes, tem um *proposal* de três, quatro páginas, de um livro que você não sabe nem se está escrito. Então, você tem que ter uma certa familiaridade com o trabalho editorial para ver se aquele livro se encaixa. Eu digo que a coisa mais importante é você saber as linhas que tem. Por exemplo, não adianta vir um advogado com um livro sobre o direito para apresentar um livro. Eu não publico livros sobre o direito. Ou um livro sobre engenharia. Uma das coisas que eu sempre falo com os autores principiantes que querem publicar o livro, é que primeiro estuda as linhas editoriais da editora, para você apresentar a sua original para a editora certa. Não adianta você apresentar um livro fora do que a editora publica, que eles não vão nem ler. Vão devolver. Mas, como eu tenho essa fama de Midas, o pessoal brinca muito... Tem uma história muito engraçada, mais

“

O editor tem lógica, tem um gosto literário. Todos os livros comprados aqui na editora, todos, eu dei a palavra final. Todos. Não quer dizer que eu entenda de tudo. Não é possível.

”

“

Eu sempre digo, 50% técnica é 50% intuição. Você não pode só se guiar pela intuição e não pode se guiar só pela técnica. Não vai funcionar isso.

”

uma. A agente literária da JK Rowling me apresentou um livro de ficção e eu gostei muito. Falei assim, “vou comprar”. “Qual o nome do autor?” “Robert Galbraith”. Comprei. Alguns meses depois se descobriu que era a própria JK Rowling como pseudônimo. Foi uma curiosidade. Como é que fui adivinhar isso? Não adivinhei, foi intuição, porque achei que o livro era bom e valeu a pena. Depois descobri que era a própria JK Rowling escrevendo sobre um pseudônimo. Então, tem as histórias curiosas na vida do editor. Tem aquilo que você já sabe que vale a pena comprar, se encaixa na linha da editora. Eu já publiquei mais de seis mil livros, sei lá quantos mil, já publiquei. São 50 anos de editora Rocco. Passou muita coisa pelas minhas mãos. Teve a história do Paulo Coelho também, que é curiosa. Eu estava numa noite de autógrafo e ele se aproximou de mim e falou assim, “quero te conhecer”, “tudo bem, imagina, vai lá no escritório, a gente conversa”. Ele me chegou e falou assim, “eu tenho dois livros, *O Alquimista* e *O Diário do Mago*”, mas na época ele veio com *O Diário do Mago*. “O meu editor atual não está satisfeito comigo, quer desfazer o contrato, não quer mais fazer”. Falei, “está bom”. Peguei o livro, conversei com ele no escritório, li um pouco do livro e falei: “Está bom, vamos fazer”. Ele me fez comprar o estoque do remanescente, até os fotolitos. Ele falou: “eu queria que você publicasse uma nova edição antes do fim do ano”. Era outubro! Falei: “Está bom, faço tudo o que você quiser!”. Fizemos e foi aquele estouro. Eu sempre digo, 50% técnica é 50% intuição. Você não pode só se guiar pela intuição e não pode se guiar só pela técnica. Não vai funcionar isso.

SNEL: Tem alguma coisa que você se arrepende? Alguma coisa que deveria ter comprado com a sua mão e depois deu sorte?

Paulo Rocco: Não, isso faz parte do negócio. A gente tem leilões praticamente todos os dias. É muita coisa. Agora estou vindo da



Feira de Frankfurt – acho que sou o mais longevo dos editores que vão à Feira de Frankfurt – há muitos originais, livros novos. Isso não precisa ser só na feira, não. Isso é todo dia. Todo dia você tem leilão. Não só leilão, mas ofertas de livros. Agora, hoje, eu tenho proposta de dois ou três livros... É muita coisa.

SNEL: Uma coisa que o seu filho João Paulo Rocco falou que a Rocco é uma editora-navio, não uma editora-lancha...

Paulo Rocco: É o seguinte: a gente não busca o sucesso imediato. Eu não quero isso. Eu tenho um catálogo de respeito. Acho que, acima de tudo, a editora é muito respeitada, muito querida. Já foi feita até uma enquete sobre isso. É uma das editoras mais queridas no mercado. Ainda por cima leva o meu sobrenome. É uma coisa

“
O sindicato propõe a ligação dos editores com o governo e com o público. Quer dizer, com os governos, todos os níveis de governo. E com o público, através, por exemplo, das Feiras dos Livros, das Bienais.
”

bem personalizada. Isso eu acho importante. Não é uma editora para ganhar dinheiro. Não é uma editora que está preocupada com o que faz. Eu dou muita importância à imagem da editora.

SNEL: Também não tem movimentos bruscos, igual ao Brasil. O Brasil é essa potência gigantesca que, para fazer um movimento, é sempre muito difícil às vezes.

Paulo Rocco: Não é que a gente não faz. A gente está evoluindo sempre. Por incrível que pareça, eu estou sempre pensando no futuro. Estou sempre pensando no futuro. Eu vejo oportunidades... Eu, aqui na editora, participo muito dessas coisas de projetar para onde a editora vai, que tipo de livro vai fazer, qual a quantidade de livros. Sou uma mistura de editor e empresário. Não sou só editor o tempo todo. Tenho que ser empresário para saber lidar com a empresa. Tem a editora, que é uma coisa sonhadora, e tem a empresa, que precisa ter uma boa administração.

SNEL: Agora vamos começar com o próprio SNEL mesmo. Eu estava vendo que você começou a participar da diretoria em 1984.

Paulo Rocco: Olha, eu não me lembro mais.

Eu trabalhei, eu sou no SNEL, por tantos anos. Ainda quando o SNEL era na Rio Branco, quase esquina da Praça Mauá. Eu ocupei vários cargos.

SNEL: Por que participar de um sindicato? Você acha importante? Qual a importância do sindicato?

Paulo Rocco: O sindicato propõe a ligação dos editores com o governo e com o público. Quer dizer, com os governos, todos os níveis de governo. E com o público, através, por exemplo, das Feiras dos Livros, das Bienais. Eu sempre participei muito do SNEL pensando nessas duas vertentes.

SNEL: Como presidente, você ficou de 1999 a 2008, três mandatos. E Bienais?

Paulo Rocco: Putz! Eu me considero um feliz responsável pela ampliação da Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Quando eu fui presidente, eu propus aumentá-la no RioCentro. Era um pavilhão só e eu passei para três. Todo mundo brincava comigo que eu era muito visionário. Eu fiz festas muito importantes no Copacabana Palace. Eu dei uma importância para o sindicato, que o sindicato sempre mereceu.

SNEL: Fizemos um levantamento de alguns atos durante a sua presidência. Por exemplo, foi, na sua gestão, que teve a primeira Pesquisa Retratos da Leitura. Por que e qual a importância?

Paulo Rocco: Tem uma ligação com o que eu falei anteriormente e com outros temas. Havia um tributo que onerava muitos os editores, que era o Pis e Cofins. Falei que a gente tinha que diminuir esse ônus para os editores. O pessoal pensou que eu estava doido, que eu não ia conseguir, que era uma loucura. Eu peguei essa bandeira. Não fui sozinho. Tive apoio de várias outras pessoas. Mas eu peguei essa bandeira. E, depois de algum tempo, consegui passar no Congresso Nacional, consegui zerar o pis e o cofins para os editores. Ganhei até uma estátua...

SNEL: “O exterminador de impostos”¹.

Paulo Rocco: Tem aqui. Porque ninguém acreditou. Bom, aí, em contrapartida, eu falei que a gente tinha que fazer alguma coisa para a sociedade. A gente criou o Instituto Pró-Livro. Eu combinei que seriam três entidades, o SNEL, a CBL e a Abrelivros, e que iríamos intercalar os presidentes [das três entidades]. Eu brinquei com o presidente na época da CBL Oswaldo Siciliano: “porque você é mais velho, você vai ser o primeiro [presidente]”. A gente ia ter que fazer uma coisa importante para o mercado, que é a pesquisa. Aí nasceu a pesquisa Retratos da Leitura [que é tocada pelo Instituto Pró-Livro]... O Instituto Pró-Livro nasceu como uma contrapartida que a gente resolveu fazer, as três entidades. Por isso que alterna a presidência. Uma vez a presidência do CBL, outra vez a presidência é do SNEL, outra vez a presidência é da Abrelivros. E instituímos a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

SNEL: E é ótimo porque também dá manancial para os próprios editores. É um jogo de ganha-ganha. Todo mundo ganha isso aqui.

Paulo Rocco: Eu pensei o sindicato sempre com um espírito corporativo. O SNEL é um espírito corporativo. É a união dos editores para essas duas vertentes que eu falei: a parte governamental e essa parte de público.

¹ Para celebrar a vitória, Sergio Machado (1948-2016), presidente do Grupo Editorial Record e ex-presidente do SNEL, mandou confeccionar uma estatueta do colega vestido de São Jorge e matando um dragão. “Paulo Rocco, o exterminador de impostos”, diz uma placa ao pé da estatueta.

“

Eu pensei o sindicato sempre com um espírito corporativo. O SNEL é um espírito corporativo.

É a união dos editores para essas duas vertentes que eu falei: a parte governamental e essa parte de público.

”

SNEL: Se você pensar, também reflete a ideia de editora e empresa. Quando você falou corporativo, eu pensei naquelas guildas inglesas.

Paulo Rocco: Exatamente. O SNEL existe para defender os interesses dos editores, mas voltado para o leitor. Foi por isso que a gente fez isso. E com isso a gente conseguiu até diminuir o preço de capa dos livros.

SNEL: Outra pesquisa que começa na sua gestão é essa que a gente chama hoje em dia de pesquisa de RH. Que tem a ver com o que você está falando.

Paulo Rocco: Exatamente. Para facilitar a vida dos editores. Nossa parte corporativa. A ideia seria saber como é que está o mercado. A gente brinca. Foi uma transição da fase romântica para a fase mais corporativa. Com mais dados, mais informações. Os editores

passados foram fantásticos, mas não tinham essa... Nem na época era muito importante essa visão de empresa. Era uma coisa muito de amizade, de relacionamentos. Mas foi importante.

SNEL: Por isso que talvez a Rocco tenha 50 anos, né? Porque reforça um lado parte, não se esquecendo da outra parte...

Paulo Rocco: O sonho existe ao lado da realidade.

SNEL: Aparece a toda hora essa divisão. Você falou anteriormente de intuição, mas também a razão. Tem sempre os dois pontos, sempre os dois lados.

Paulo Rocco: Lógico, lógico, evidente.

SNEL: Outra atitude que aconteceu na sua gestão foi a Lei do Livro, que veio antes, inclusive dessa lei que isentou a indústria do livro de pagar o Pis.

Paulo Rocco: Tudo a gente participou, com o sentido de formalizar um pouco a atividade editorial. Estávamos vivendo uma transição. Foram passos que foram dados. Todos fazem parte de um conjunto de atitudes que visavam formalizar mais a atividade editorial.

SNEL: Agora, uma ação muito específica, que é a delegacia regional em São Paulo.

Paulo Rocco: Ah, fui eu que abri. É, não tinha isso antes.

O SNEL não tinha muitos associados. Uma das coisas pela qual lutei muito foi para ampliar a quantidade de associados do SNEL, de editores. Acho que eu cheguei próximo de 600 na época, não tenho certeza. Mas 500 eu me lembro bem. Então, no mínimo, 500 editores eram associados, e muitos de São Paulo. Então, decidi que tínhamos que dar uma assistência específica para essas editoras e foi assim que abri um escritório em São Paulo.

“

Uma das coisas pela qual lutei muito foi para ampliar a quantidade de associados do SNEL, de editores. Acho que eu cheguei próximo de 600 na época, não tenho certeza. Mas 500 eu me lembro bem.

”

SNEL: Você acha que o SNEL é mais associado ao Rio?

Paulo Rocco: Não, ele divide o mercado brasileiro com a CBL e a Abrelivros. Em São Paulo tem muitas editoras de livros didáticos. Agora, se você pensar, a maioria de livros gerais está aqui no Rio. Mas ao abrir o escritório, eu quis dizer o seguinte: não podíamos abandonar São Paulo. Então, achei que era importante ter um escritório em São Paulo. Nem me lembrava mais dessa atividade. Eu abri escritório em São Paulo. Achei que era importante ter um escritório em São Paulo para atender os editores paulistas, para aproximar. Queria ter uma base representativa do SNEL bastante ampla. Ampliei muito a quantidade de sócios associados.

SNEL: E como é que você fazia isso?

Paulo Rocco: Até corpo a corpo. Até corpo a corpo.



SNEL: Até hoje, todo mundo fica muito preocupado.

Paulo Rocco: Se você for pensar, o que tem de novas editoras, de pequenas livrarias no Brasil, esse número aumentou muito. Acabou a Saraiva, acabou a Cultura, acabou a Siciliano, acabou a Sodiler. Vários grupos acabaram. Mas surgiu a Leitura, que está crescendo enormemente. E tem muitas pequenas... Aqui no Rio, a Janela, por exemplo, a Janela abriu a terceira livraria. A Travessa abriu agora no Rio Grande do Sul. É, em Porto Alegre. Abriu uma loja nova em Porto Alegre faz um mês agora, um mês e pouco.

SNEL: A Travessa é uma grande pequena. Parece que ela tem cara de pequena, mas ela já está grande.

Paulo Rocco: Já está. Tem até em Portugal.

SNEL: É verdade, tem em Portugal.

Paulo Rocco: Isso que eu estou falando. Estou dando um exemplo muito da Marta Ribas, de quem eu gosto muito. Já está abrindo a terceira livraria (a Janela). O mercado se alterou nesses anos todos. Você vê novos players, lógico, tem os grandões, mas tem muitos outros na base.

SNEL: Também agora, mesmo que não tenha essas livrarias todas, tem toda a internet, que também compensa, tem todo um caminho.

Paulo Rocco: Você não tinha Amazon, mas você tinha a B2W, que acabou. Vai mudando os players.

SNEL: Outra coisa que acontece também na sua gestão é a compra da nova sede.

Paulo Rocco: Ah, isso é importante. A gente tinha uma sede muito feia. Na

“
Da mesma forma que eu falei um dia, ‘vamos ver lá se a gente vê o que pode fazer com o Pis e Confins’, eu falei que a gente tinha que mudar de sede, a gente tinha que ter uma sede de prestígio melhor, com auditório.

”
Rio Branco, próximo da Praça Mauá. Era uma coisa horrorosa. E eu, era exatamente isso que eu estava falando, achava que o sindicato tinha que ter um patamar diferente, um prestígio. Isso acontecia como representante oficial dos editores junto ao governo: eu ia muito à Brasília, tinha encontro com ministros, convite para a Bienal. E eu fazia a questão de que vinham ministros do governo, governador, aqui do Rio, prefeito. A abertura da Bienal do Rio era uma festa. Fiz festa no Copacabana Palace. Fazia um grande evento. E da mesma forma que eu falei um dia, “vamos ver lá se a gente vê o que pode fazer com o Pis e Confins”, eu falei que a gente tinha que mudar de sede, a gente tinha que ter uma sede de prestígio melhor, com auditório. “Deixa que eu vou fazer”. Eu lutei muito para o sindicato ter uma receita muito boa na Bienal do Rio. Lutei muito, muito, muito. Fiz questão que crescesse para ter recursos. Entraram os recursos, partiu para a compra da sede. Procuramos e tal. Foi para cá, foi para lá. Achei um local ideal. Metido junto com o arquiteto, desenhei como é

que tinha que ser... Porque eu não sabia direito o que era um sindicato, o que precisava de auditório, sala para diretoria, sala para funcionários, banheiro. Ainda assim, eu desenhei. Teve um lance muito engraçado. Fui lá ver o corredor, mas achei que estava muito apertado. Em seguida, derrubei uma parede para fazer um corredor maior. Quando ficou pronto, foi um sucesso. Todo mundo ficou contente. Me dediquei muito ao sindicato.

SNEL: De toda a sua caminhada na presidência, essa luta contra os impostos parece ser o ponto principal. Você concorda?

Paulo Rocco: Não, não, não. Isso é um detalhe. [Para mim, o ponto alto foi] O posicionamento do sindicato como representante oficial do setor dos editores de livros. Mas não só isso.

Por exemplo, a criação do Instituto Pró-livro. Ou o sindicato estar presente em todas as atividades aqui no Rio de Janeiro. Ou participar dos programas de compra de livros por parte do governo, na época se chamava PNBE [Programa Nacional Biblioteca da Escola]... Trabalhar para o PNBE ser mais efetivo. Hoje, o PNBE está [fraco]... Agora não é mais PNBE, é PNLD mesmo. [Hoje] a compra de livros de não-literatura, de livros didáticos, está totalmente parada. Isso aí [a questão dos impostos] foi uma das coisas... Estou falando uma das coisas. Foram tantas coisas. Em nove anos, você não faz ideia do que aconteceu.

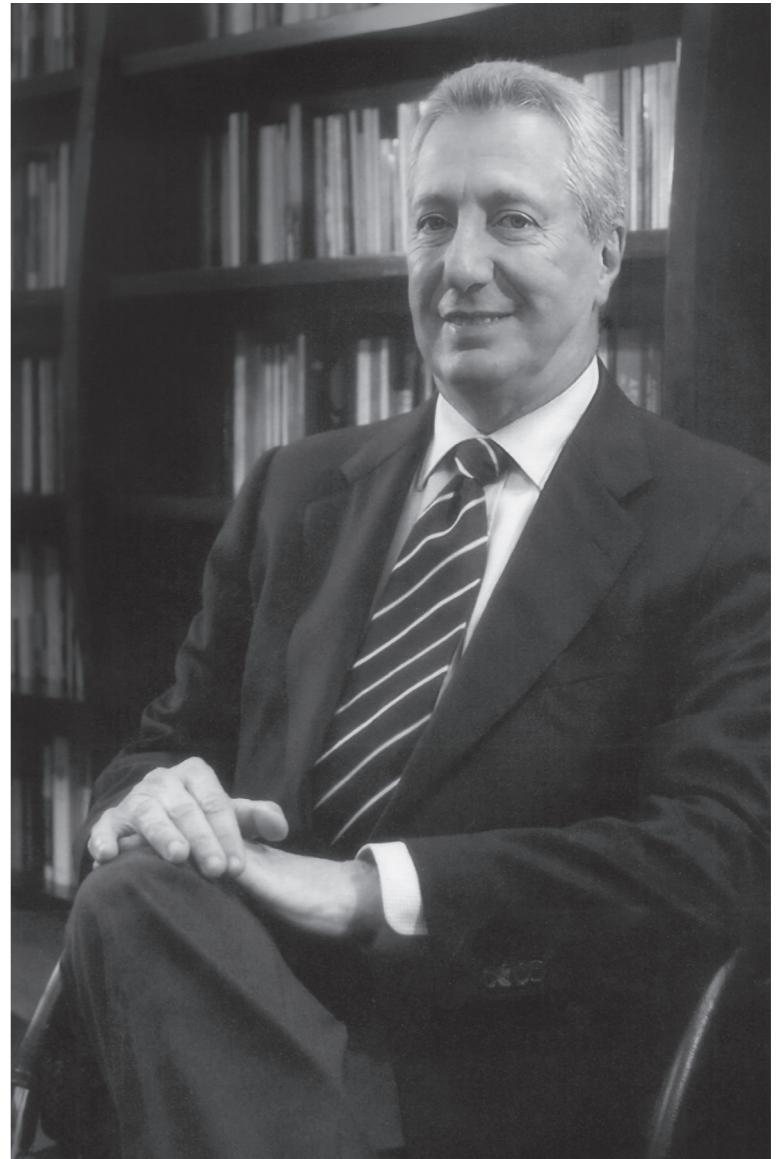
SNEL: Quer falar mais alguma coisa?

Paulo Rocco: Eu amo o Snel [risos].

GALERIA



Paulo Rocco
como presidente do SNEL



A história e as histórias de Paulo Rocco **41**



Entrega do prêmio José Olympio em 1993

Paulo Rocco, Roberto Marinho (ex-presidente das Organizações Globo) e Sérgio Machado (presidente do SNEL de 1996 a 1999)

Copacabana Palace, 1983

Paulo Rocco na 1ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro





Bienal do Livro do Rio de Janeiro, 1999

Paulo Rocco, Arthur Repsold (presidente da GL Events de 2006 a 2018) e Sérgio Machado (presidente do SNEL de 1996 a 1999)



SNE



Lançamento do Portal Editorial do SNEL

Eduardo Salomão (Integrante da diretoria do SNEL de 1987 a 2024) e Paulo Rocco



Lançamento do Portal Editorial do SNEL

Paulo Rocco apresentando o lançamento do Portal



SNEL 60 anos, 2001

Paulo Rocco no evento dos 60
anos do SNEL



SNEL 60 anos, 2001

Paulo Rocco, Sérgio Machado (presidente do SNEL de 1996 a 1999) e Regina Bilac Pinto (Presidente do SNEL de 1990 a 1993)



SNEL 60 anos, 2001

Sérgio Machado (presidente do SNEL de 1996 a 1999), Marcos da Veiga Pereira (ex-presidente e vice-presidente do SNEL) e Arthur Repsold (presidente da GL Events de 2006 a 2018)

FALTA ANO
DE MANDATO
DO MARCOS
VEIGA



SNEL 60 anos, 2001

Paulo Rocco, Sérgio Machado (presidente do SNEL de 1996 a 1999) e Nélida Pinón (Presidente da Academia Brasileira de Letras de 1996 a 1997)



SNEL 60 anos, 2001

Paulo Rocco e Roberto Feith
(vice-presidente do SNEL de 1999 a 1997)

ANO ESTA ER-
RADO, NÃO
PODE SER DE
99 A 97



SNEL 60 anos, 2001

Paulo Rocco, Roberto Feith (vice-presidente do SNEL de 1999 a 1997) e Sérgio Machado (presidente do SNEL de 1996 a 1999)

ANo ESTÁ ER-
RADO, NÃO
PODE SER DE
99 A 97



Copacabana Palace, 2001

Paulo Rocco na 10ª edição
da Bienal do Livro do Rio de
Janeiro

2011

Paulo Rocco passa a presidência do SNEL para Sônia Jardim



Paulo Rocco

No SNEL, em frente a placa de sua gestão



SNEL 80 anos, 2021

Paulo Rocco, Dante Cid (atual presidente do SNEL) e João Paulo Rocco (membro da diretoria do SNEL desde 2014)



SNEL 80 anos, 2021

Dante Cid (atual presidente do SNEL), Sonia Machado Jardim (presidente do SNEL de 2011 a 2014), Paulo Rocco, Dr. Francisco Bilac (membro da diretoria do SNEL desde 1999)



2025